

Camila Seixas e Sousa

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Clay, Eugene (ed.). *Beasts, Humans and Transhumans in the Middle Ages and the Renaissance*. Turnhout, Belgium: Brepols Publishers, 2020. 192 pp. ISBN: 978-2-503-59063-9

Os artigos que compõem o volume *Beasts, Humans and Transhumans in the Middle Ages and the Renaissance* derivam de apresentações feitas no âmbito da décima nona conferência do Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies. Ainda que não se circunscreva a um campo de estudo em particular, como ressalva J. Eugene Clay na introdução, o volume presta o seu contributo para as áreas dos *animal studies*, do pós-humanismo e do transumanismo, uma vez que o conjunto de textos propõe respostas aos desafios lançados por estes campos de estudo.

O livro está dividido em três partes, cada uma com a sua unidade temática. A primeira, “Metamorphoses”, contém reflexões sobre seres que se transformam numa outra coisa; que oscilam entre a categoria do humano, do animal e do monstro. A segunda parte, “Beasts and Humans”, reúne textos centrados no animal e no humano, e na relação entre ambos. Já a terceira parte, “Beyond Humanity: Demons and Monsters”, dedica-se aos seres categorizados como monstros, e à relação do homem com a criatura monstruosa. Será útil, ao longo da leitura do volume, ter presente esta categorização tripartida de seres: o humano, o animal e o monstro. É dentro destes limites, por vezes muito ténues, que os seres se definem como tal e se manifestam. É a criatura humana, animal ou monstruosa que o iluminador medieval ou o artista do Renascimento procura representar, mas é também a transgressão destes limites que vemos representada nos bestiários ou nos *cassoni*, arcos decoradas e oferecidas em ocasiões matrimoniais, particularmente elaboradas a partir do século XV, em Itália.

Exemplo da figura instável quanto ao que aparenta ser é o caso de Merlin ou Myrddin. Dependendo das fontes medievais (de origem

galesa ou francesa, em particular), como mostra Robert S. Sturges, Merlin tanto é animal – um veado, um pássaro, um javali; como é humano, quando se afirma como tal; como é demoníaco – filho de um incubo e de uma freira, ou mesmo filho de Deus e do diabo, podendo ainda ser um profeta. A sua associação ao mundo animal leva a uma segunda associação ao mundo demoníaco, uma vez que um ser que transgredir a fronteira entre humano e animal está também a transgredir o limite entre o humano e aquilo que se considera não-humano, sendo esse movimento de carácter diabólico. Talvez ainda mais complexo do que esta transgressão (tanto de entender como de representar) seja o caso em que estas categorias se sobrepõem. Veja-se, a título de exemplo, o caso do porco. Num manual de anatomia do século XII, *Anatomia Porci*, sublinhava-se o quão parecida é a anatomia humana com a do porco. No entanto, esta relação de semelhança, já numa vertente da representação simbólica deste animal, é descartada. Em alguns bestiários (caso do MS. Bodley 764, por exemplo), a representação do porco (ou do javali) a ser caçado é também a representação de uma relação de dominância: do humano sobre o animal, sendo este animal o “outro” – o judeu, por exemplo, que os Cristãos devem caçar, dominar. Estas representações anti-semitas lembram o quão mutuamente dependentes são as categorias que enumerámos: o humano define-se enquanto tal por oposição ao animal, e este define-se por oposição ao monstruoso, e esta relação de dependência é válida para qualquer uma das categorias.

Quando entramos no campo dos seres monstruosos, a relação caçador-caçado já não é tão estática como aparentava ser no par humano-animal, em que o primeiro ocupa o lugar dominante. O demónio do meio-dia, por exemplo, disfarçado de anjo de luz, perseguia e caçava os humanos para as suas trevas, como aponta David Scott-Macnab, numa das muitas descrições medievais deste tipo de demónio. Mas onde os atributos humanos, animais e monstruosos se conjugam, formando o monstro por excelência, é numa figura só: o diabo. Mestre do disfarce, importava representá-lo de todas as maneiras possíveis para que fosse sempre identificado. Amanda E. Downey indica algumas características em particular, observadas em certas iluminuras do diabo: o casco dividido; as orelhas de raposa; as garras; as asas de morcego. Mas encontram-se também algumas características simultaneamente

humanas e monstruosas: os olhos amarelos; o grande nariz; a boca gigante; as orelhas ora enormes, ora pequenas.

Por fim, o princípio: J. Eugene Clay, na introdução, mostra-nos como todos estes textos, ao pensar o passado, estão a questionar o futuro. Que vamos nós, humanos, perante o passado, ser no futuro? Tanto o pós-humanismo como o transumanismo procuram responder a esta questão, mas já as mentes da Idade Média e do Renascimento procuraram fazê-lo.